



ANÁLISE SOBRE O ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO NA CARTA ENCÍCLICA LUMEN FIDEI DO PAPA FRANCISCO



ANALYSIS OF THE ANAPHORIC ENCAPSULATION IN THE ENCYCLICAL LETTER LUMEN FIDEI OF POPE FRANCIS

Larissa Yohara Gomes PINTO
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

Lidiane de Moraes Diógenes BEZERRA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 14/06/2019 • APROVADO EM 06/11/2019

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar o emprego de processos referenciais anafóricos em uma carta encíclica do Papa Francisco, observando a forma de manifestação desses processos. O *corpus* de análise é constituído pela carta encíclica *Lumen Fidei* (A luz da fé) do Papa Francisco. Como embasamento teórico, utilizou-se os estudos desenvolvidos por Cavalcante (2011), Koch (2004; 2006), Koch e Elias (2011), Mondada e Dubois (2003), Conte (2003), Francis (2003), Marcuschi (2005). O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa documental, de natureza qualitativa. A partir de uma pré-análise, verificou-se que o processo referencial com maior predominância no *corpus* analisado foi o encapsulamento anafórico, por esse

motivo, fora selecionado como categoria de análise. Assim, constatou-se que se trata de um processo que auxilia na construção do texto, ao fazer retomada do que fora mencionado anteriormente, sem haver a necessidade de repetições. Diante disso, possibilita a progressão e continuidade textual, assumindo a função de um mecanismo coesivo, no qual um novo referente é inserido no texto, estabelecendo uma relação entre o conteúdo antecedente e as informações seguintes. Tendo em vista a encíclica ser um texto argumentativo, verificou-se que o encapsulamento anafórico pode ser manifestado como um recurso avaliativo, o qual desempenha uma força argumentativa em que o enunciador pretende persuadir a seu interlocutor, com a função de manipular o leitor.

Abstract

This work aims to investigate the use of anaphoric referential processes in an encyclical letter of Pope Francis, observing the form of manifestation of these processes. The corpus of analysis consists of the encyclical letter *Lumen Fidei* (the light of faith) of Pope Francis. As a theoretical basis, we used the studies developed by Cavalcante (2011), Koch (2004; 2006), Koch and Elias (2011), Mondada and Dubois (2003), Conte (2003), Francis (2003), Marcuschi (2005). The work is characterized as a documentary research, of a qualitative nature. From a pre-analysis, it was verified that the referential process with the most predominance in the analyzed corpus was the anaphoric encapsulation, for this reason, was selected as a category of analysis. Thus, it was found that this is a process that assists in the construction of the text, when resuming what was mentioned previously, without the need for repetitions. Therefore, it enables the progression and textual continuity, assuming the function of a cohesive mechanism, in which a new referent is inserted in the text, establishing a relationship between the antecedent content and the following information. In view of the encyclical being an argumentative text, it was found that the anaphoric encapsulation can be manifested as an evaluative resource, which plays an argumentative force in which the Enunciator intends to persuade his interlocutor, with the function of Manipulate the reader.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação. Encapsulamento Anafórico. Carta Encíclica.

KEYWORDS: Referencing. Anaphoric Encapsulation. Encyclical Letter.

Texto integral

A Linguística Textual é um ramo da Linguística que tem como objeto de estudo o texto, tomado como forma de manifestação da linguagem (FÁVERO; KOCH, 2008). Sendo que, dentre os estudos desenvolvidos pela Linguística Textual, temos o fenômeno da referenciação, que desempenha um papel importante para a produção e interpretação de textos, uma vez que contribui para a construção de sentido, por se tratar de um processo de construção e reconstrução de referentes, os quais podem ser entendidos como objetos discursivos introduzidos e reconstruídos no momento da interação.

Entre os principais processos de referenciação, podemos destacar a anáfora, pois se trata da retomada de um objeto discursivo que fora introduzido anteriormente no cotexto e pode ser (re)ativado ou modificado, conforme o texto

se desenvolve. Assim sendo, é necessário haver sinais e pistas no co(n)texto que possibilitem estabelecer uma relação entre o referente introduzido e a anáfora.

Nessa perspectiva, realizamos a presente pesquisa sobre os processos referenciais anafóricos, uma vez que, por meio desses processos, estamos sempre (re)construindo os referentes em nossos textos, contribuindo para a coesão e progressão textual. Diante disso, temos como objetivo investigar o emprego de processos referenciais anafóricos em uma carta encíclica do Papa Francisco, observando a forma de manifestação desses processos.

Como embasamento teórico para realização desse trabalho, temos os estudos desenvolvidos por Cavalcante (2011), Koch (2004; 2006), Koch e Elias (2011), Mondada e Dubois (2003), Conte (2003), Francis (2003), Marcuschi (2005).

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa documental, visto que o objeto de pesquisa é constituído por uma carta encíclica pontifícia, um documento da igreja católica. Consiste, pois, em um trabalho de natureza qualitativa, tendo em vista que o nosso foco de análise se detém, especificamente, na compreensão e interpretação dos dados coletados.

Dessa forma, selecionamos para a constituição do *corpus* a “Carta Encíclica Lumen Fidei, do Sumo Pontífice Francisco, aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos, sobre a fé”. Depois, realizamos uma pré-análise, buscando identificar os processos referenciais mais recorrentes no texto. A partir disso, selecionamos como categoria de análise o encapsulamento anafórico, uma vez que este figurou como o processo referencial mais recorrente.

Quanto à estrutura do trabalho, está organizado nas seguintes seções: Introdução, na qual apresentamos objetivo, procedimentos metodológicos adotados, os autores que contribuem para a discussão teórica e as partes constituintes do trabalho; Fundamentação teórica, em que tratamos sobre o fenômeno da referenciação como um processo de construção de referentes, e também os processos referenciais para a inserção e a retomada de referentes no texto; na análise e discussão dos dados, descrevemos as ocorrências do encapsulamento anafórico, observando a forma de manifestação desse processo referencial presente nos textos; na conclusão, sintetizamos os resultados obtidos na pesquisa.

Fundamentação teórica

O processo de referenciação

A referenciação, como um importante fenômeno para a Linguística Textual, está diretamente relacionada à produção e interpretação de textos, uma vez que contribui para a construção de sentido, por se tratar de um processo que possibilita aos usuários de uma língua realizar suas escolhas por meio de suas intenções comunicativas no momento da interação. Desse modo, consiste em um processo de construção e reconstrução de referentes no interior do universo discursivo por meio do contexto social e cultural em que estão inseridos.

É a partir dessa perspectiva, que a noção de referência anteriormente postulada, a qual compreendia o ato de referir como uma representação da realidade, baseada numa relação estreita entre linguagem e mundo, passa, então, a ser substituída pela noção de referenciação, principalmente depois de estudos realizados em meados da década de 90 por Mondada e Dubois (1995) e Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), quando surgiram as inquietações sobre como a língua pode referir o mundo.

Quanto a isso, conforme Mondada e Dubois (2003, p. 17) afirmam:

A ideia segundo a qual a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas tem atravessado a história do pensamento ocidental. Opomos uma outra concepção segundo a qual os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo.

Nesse sentido, contrapondo a ideia de que a língua assumiria a função de etiquetar os objetos existentes, como se fossem representações do mundo real, consideradas estáveis e imutáveis, as autoras propõem uma nova visão quanto à construção de objetos discursivos a partir das práticas comunicativas entre os sujeitos no processo da interação verbal. Temos, assim, uma percepção que vai muito além da relação estabelecida entre as palavras e as coisas, trata-se da noção de referenciação, que compreende o ato de referir como uma atividade cognitiva e social, na qual os sujeitos constroem os seus discursos, fazendo escolhas através dos conhecimentos de mundo, de suas percepções e seus atos, diante da interação social entre os interlocutores.

É a partir dessa passagem da concepção de referência para a referenciação que as entidades passam a ser categorizadas como objetos de discurso e não como objetos do mundo, uma vez que as categorias não são preexistentes pela relação entre as coisas e o seu significado, mas sim são construídas e reconstruídas durante a realização da atividade discursiva. É por meio desse processo que os objetos vão se adequando ao mundo e às situações de comunicação, passando a receber categorias que se alteram e modificam, a depender do contexto em que estão inseridos.

A respeito disso, Mondada e Dubois (2003, p. 17) afirmam que: “[...] as categorias e objetos de discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação”. Ou seja, os objetos de discurso não se encontram preestabelecidos, nem estáveis no mundo, mas são definidos por uma instabilidade percebida no momento da interação a partir do ponto de vista e dos propósitos comunicativos dos interlocutores.

Sobre o fenômeno da referenciação, Koch e Elias (2011, p. 133-134, grifos das autoras) afirmam que “Consiste na **construção e reconstrução de objetos de discurso**. Ou seja, os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo”. Nessa perspectiva, entendemos a referenciação como o processo de inserir referentes dentro do texto, de modo que se constroem e reconstroem de acordo com as

intenções comunicativas dos interlocutores pelo seu ponto de vista, seu entendimento, suas atitudes e crenças sobre o mundo.

Após essa discussão sobre a referenciação, traremos, a seguir, os principais processos referenciais, apresentando seus conceitos e como podem auxiliar na organização do texto.

Tipos de processos referenciais: introdução referencial e anáfora

A referenciação, como um processo de construção e reconstrução de referentes ou objetos discursivos no interior do texto, apresenta processos referenciais como elementos essenciais para a coesão e coerência textuais. Dentre os principais processos, destacam-se a introdução referencial e a anáfora. A esse respeito, Cavalcante (2011, p. 54, grifo da autora) considera que “Se as entidades são introduzidas no texto pela primeira vez, isto é, se elas ainda não foram citadas antes no texto, então estamos diante de ocorrência de *introdução referencial*”. Em outras palavras, a introdução referencial diz respeito aos objetos discursivos que não foram mencionados em nenhum momento anteriormente.

A autora afirma ainda que “Se os referentes já foram de algum modo evocado por pistas explícitas no cotexto, então estamos em presença de continuidades referenciais, isto é, de *anáforas*” (CAVALCANTE, 2011, p. 54, grifo da autora). Ou seja, anáforas ocorrem quando uma expressão referencial retoma o referente que fora citado anteriormente, por meio de sinais linguísticos presentes no cotexto. Desta maneira, as expressões anafóricas, de acordo com Cavalcante (2011 p. 60), “[...] são responsáveis pela continuidade referencial e exigem a consideração de um termo-âncora formalmente dito no cotexto”. Ou seja, é necessário haver pistas espalhadas pelo texto para podermos fazer uma relação entre a anáfora e o elemento em que se encontra ancorada, isto é, o referente introduzido anteriormente.

Nesse sentido, a continuidade referencial pode acontecer de duas formas: pela correferencialidade e pela não correferencialidade. Quanto a isso, Cavalcante (2011) aponta que a continuidade correferencial ocorre quando o referente que fora introduzido anteriormente é recuperado de forma direta, ou seja, os objetos discursivos estabelecem uma ligação entre si e podem ser percebidos explicitamente no texto; já pela não-correferencialidade, acontece quando se faz associações entre os elementos presentes no texto, de modo que as ligações são feitas de forma indireta, pois, nesse caso, é necessário levar em conta os fatores que se encontram implícitos.

Nessa perspectiva, o processo anafórico pode ocorrer tanto de modo direto, quanto de modo indireto. Sendo assim, temos as chamadas anáforas diretas que “[...] retomam referentes previamente introduzidos, estabelecendo uma relação de co-referência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Parece haver uma equivalência semântica e, sobretudo, uma identidade entre a anáfora e seu antecedente” (MARCUSCHI, 2005, p. 55). Quer dizer, esse tipo de anáfora ocorre por meio da retomada de referentes que foram introduzidos anteriormente a partir de uma ligação estabelecida entre a anáfora e seu antecedente, ou seja, encontram-se interligados de maneira direta.

Por outro lado, temos o caso da anáfora indireta que ocorre quando um novo referente é mencionado no texto, estabelecendo relação com outros elementos presentes no co(n)texto e, conseqüentemente, não retoma nenhum antecedente explícito no texto, mas se encontra ancorada por meio de ligação com elementos implícitos no texto. Nesse sentido, conforme Cavalcante (2011, p. 61, grifo da autora):

[...] temos *anáforas indiretas*, caracterizadas pela menção de um novo referente relacionado a outro, distinto, e já citado anteriormente, ou relacionado a alguma outra pista formal do texto, como um verbo, por exemplo. Essa associação entre as duas formas, a qual o enunciador espera que o coenunciador reconheça, permite apresentar o anafórico indireto como se já fosse conhecido, dado, velho.

De acordo com as palavras da autora, podemos perceber que a anáfora indireta, por estabelecer uma associação entre os elementos espalhados pelo co(n)texto, diz respeito a um processo inferencial, que se realiza a partir de elementos implícitos, pois trata-se de um anafórico que não possui um antecedente explícito, mas que estabelece uma relação denominada âncora. Dessa maneira, o autor, ao produzir um texto, espera que o leitor possa reconhecer essa relação através das inferências e o conhecimento de mundo que possui, de modo que possa atribuir sentido ao texto. Nesse contexto, ocorre de forma não-correferencial, uma vez que não há nenhum objeto precedente que estabeleça uma relação direta com o elemento anafórico.

Temos ainda o caso especial das anáforas encapsuladoras, que “[...] tem sido tratado como um tipo particular de anáfora indireta, porque não retoma nenhum objeto de discurso pontualmente, mas se prende a conteúdos espalhados pelo contexto” (CAVALCANTE, 2011, p. 71), visto que se refere ao processo de resumir ou encapsular uma porção precedente do texto por meio de uma expressão referencial, geralmente um sintagma nominal.

Esse processo é definido por Conte (2003, p. 177) como encapsulamento anafórico, o qual consiste em “[...] um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto”. Nessa abordagem, podemos compreender a complexidade desse processo, pois não só assume a função de encapsular as informações precedentes, distribuídas tanto no cotexto (explícito) como no contexto (implícito), em um novo objeto discursivo introduzido no texto, o qual permite encadear um conteúdo precedente a uma nova informação, como também contribui para a coesão e coerência do texto, influenciando na progressão textual.

A esse respeito, Conte (2003, p. 184) destaca ainda que “De modo muito interessante, o encapsulamento anafórico muito frequentemente ocorre no ponto inicial de um parágrafo e, então, funciona como um princípio organizador na estrutura discursiva”. Por esse motivo, o encapsulamento torna-se um recurso essencial para a estrutura e organização de um texto, já que, por meio desse processo, se pode resumir todo conteúdo de um parágrafo antecedente em um

único referente, o qual assume a função de iniciar outro parágrafo, tornando-se a base para as sentenças que surgirão posteriormente.

À vista disso, podemos destacar também o fato do encapsulamento anafórico ser designado como rotulação a partir dos estudos de Francis (1994 *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 77), sendo que a expressão referencial que encapsula o conteúdo precedente seria denominada rótulo.

Conforme afirma Francis (2003, p. 201), “qualquer nome pode ser o nome nuclear desde que seja inespecífico e requeira realização lexical em seu contexto imediato, anterior ou posterior”. Isto é, pode ser considerado rótulo desde que assuma a função de ser inespecífico e tenha como finalidade resumir informações antecedentes do texto. Dentre os nomes nucleares considerados mais comuns que se inserem na categoria mais geral, citados pela autora, estão: abordagem, área, aspecto, assunto, mudança, coisa, etc.

Nesse sentido, uma expressão poderá ser considerada rótulo a depender do contexto em que está inserida e do conteúdo que permite encapsular. “Em outras palavras, eles são rótulos para estágios de um argumento, desenvolvido dentro e através do próprio discurso, à medida que o escritor apresenta e avalia suas próprias proposições e as de outras fontes” (FRANCIS, 2003, p. 191). Ou seja, esses rótulos podem assumir uma força argumentativa dentro do texto, de modo que o autor expressa sua opinião e pressuposições a partir do caráter avaliativo.

De acordo com Koch (2006, p. 105), “[...] a função de recategorização argumentativa, [...] pode ser também realizada apenas por meio do nome-núcleo ou pelo acréscimo de modificadores argumentativos (positivos ou negativos)”. Isso quer dizer que, ao inserir um novo objeto discursivo, seja por um nome-núcleo ou acrescido de um modificador, poderá assumir a função de uma recategorização argumentativa, visto que se manifestam como argumentos ou opinião a respeito de um determinado assunto.

Depois de realizadas essas explanações a respeito dos processos referenciais, notamos o quanto são importantes para a progressão textual, uma vez que contribuem para a coesão e coerência, seja por meio de retomadas de referentes ou pela introdução de novos referentes no texto. Na seção seguinte, apresentamos a análise dos dados, na qual iremos expor os resultados obtidos a partir da observação do *corpus*.

Análise sobre o encapsulamento anafórico na encíclica *Lumen Fidei*

Para a constituição do nosso *corpus*, foi selecionada a carta encíclica *Lumen Fidei*, do Sumo Pontífice Francisco, a qual está dividida em quatro capítulos, uma introdução e uma conclusão. Em um primeiro momento, realizamos uma pré-análise para identificar os processos referenciais mais recorrentes na encíclica do Papa Francisco. Depois, procedemos com uma leitura mais atenta quanto às ocorrências encontradas para observar as formas de realização desses processos. Com isso, pudemos verificar diferentes tipos presentes no texto analisado, distribuídos entre anáforas diretas, anáforas indiretas, catáforas e encapsulamento anafórico.

Pudemos perceber que, dentre os processos referenciais identificados na carta, o mais recorrente foi o encapsulamento anafórico e, por esse motivo, optamos por selecionar este tipo como categoria de análise dos dados. A partir disso, iremos ilustrar a análise com a discussão de algumas ocorrências que consideramos mais significativas e representativas do encapsulamento anafórico, procurando descrever e interpretar cada uma.

Iniciamos a análise pelo excerto retirado da seção de introdução, na qual o papa aborda a temática da fé, que será discutida em toda a encíclica, na perspectiva da luz que ilumina a todos e, de certa forma, é necessária ser redescoberta, uma vez que se manifesta a partir do encontro com o Deus vivo. Analisemos o primeiro exemplo:

EXEMPLO (01)

Dante, na Divina Comédia, depois de ter confessado diante de São Pedro a sua fé, descreve-a como uma « centelha / que se expande depois em viva chama / e, como estrela no céu, em mim cintila». [4] É precisamente **desta luz da fé** que quero falar, desejando que cresça a fim de iluminar o presente até se tornar estrela que mostra os horizontes do nosso caminho, num tempo em que o homem vive particularmente carecido de luz. (nº 4)

Conforme podemos observar, nesse exemplo, a expressão anafórica “**desta luz da fé**” encapsula o trecho anteriormente postulado ao se referir à descrição da fé que Dante confessa a São Pedro, de modo que Dante, em “A Divina Comédia”, descreve como “centelha / que se expande depois em viva chama / e, como estrela no céu, em mim cintila”. Dessa forma, o sumo pontífice toma essa descrição a respeito da fé e a categoriza em um novo referente como a “luz da fé”, afirmando que pretende abordar sobre essa temática no decorrer de toda a carta encíclica.

Em vista disso, o encapsulamento anafórico, além de encapsular uma sentença por meio de uma expressão referencial, permite ainda a inserção de um novo referente no texto capaz de interligar uma informação dada a uma nova informação. Para Conte (2003), tomando por base uma informação precedente, um novo objeto discursivo é criado, o qual se torna argumento para um conteúdo seguinte. Como nesse exemplo, no qual a partir da descrição da fé comparada a uma centelha que aumenta em uma viva chama e reluz no interior do ser, o autor cria um novo objeto discursivo para relacionar ao conteúdo seguinte sobre o desejo de fazer crescer “a luz da fé” para iluminar ao homem que, no tempo presente, está tão necessitado de luz.

A partir dessas considerações, podemos, assim, acrescentar que a expressão “**desta luz da fé**” quanto à sua composição, apresenta o determinante demonstrativo “**desta**” que posiciona o leitor no texto, ao determinar qual a porção textual que está sendo retomada. Este determinante acompanha a palavra “**luz**”, denominada como o núcleo nominal, que indica ao leitor que luz está sendo retratada. Acrescenta-se, ainda, ao núcleo nominal, “**da fé**”, que assume a função de um modificador, o qual especifica e classifica o tipo de luz que está sendo mencionado.

Em continuidade à discussão, passemos agora para a análise das ocorrências retiradas do capítulo I “Acreditamos no amor”, que apresenta uma tentativa de compreensão da fé a partir do relato bíblico da história de salvação: desde a experiência de Abraão ao povo de Israel, até o cumprimento da fé em Jesus. Começemos pelo exemplo a seguir:

EXEMPLO (02)

Esta Palavra comunica a Abraão uma chamada e uma promessa. Contém, antes de tudo, uma chamada a sair da própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado. A perspectiva, que a fé vai proporcionar a Abraão, estará sempre ligada com **este passo em frente** que ele deve realizar: a fé « vê » na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus. (nº 9)

Nesse exemplo, percebemos que a expressão “**este passo em frente**” é empregada para recapitular e resumir o que fora mencionado anteriormente sobre a fé de Abraão, o qual a partir de um chamado de Deus a sair de sua terra a caminho de um futuro incerto, resolve acreditar na palavra Dele, sendo capaz de seguir em frente rumo a uma nova vida. Com isso, o Pontífice pretende demonstrar como a fé se manifesta a partir do momento que se põe em caminhada e confia na palavra de Deus. Entendemos que o emprego dessa expressão funciona como um recurso para dar continuidade ao texto ao interligar uma informação dada às informações seguintes, auxiliando na coesão e progressão textual.

Nesse caso, é possível compreender a complexidade do encapsulamento anafórico, uma vez que, de acordo com Cavalcante (2011), não recupera um objeto discursivo marcado no texto, mas sim, resume informações espalhadas pelo contexto, pois, muito mais do que encapsular uma porção do cotexto, leva em conta o contexto sobre a vida de Abraão, o qual se entregou totalmente ao chamado de Deus, tornando-se para a igreja uma figura que representa o ícone na fé, no antigo testamento, que foi capaz de realizar “um passo em frente” rumo ao desconhecido. Dessa forma, quando o autor utiliza essa expressão referencial exprime uma função avaliativa, quanto ao seu ponto de vista a respeito da atitude de Abraão perante aquele desafio.

Diante disso, compreendemos que o encapsulamento anafórico é um recurso fundamental para o desenvolvimento textual e o encadeamento das ideias, uma vez que auxilia na organização, estrutura e construção de sentido de um texto. Como no exemplo seguinte que selecionamos para análise que, mediante um sintagma nominal constituído por um núcleo nominal “**palavra**”, acompanhado do determinante demonstrativo “**esta**”, funciona como um elemento coesivo, o qual organiza e estrutura os enunciados dentro do texto. Observemos o exemplo a seguir:

EXEMPLO (03)

A Abraão pede-se para se confiar a esta Palavra. A fé compreende que a palavra — uma realidade aparentemente efêmera e passageira —, quando é pronunciada pelo Deus fiel, torna-se no que de mais seguro e inabalável possa haver, possibilitando a continuidade do nosso caminho no tempo. A fé acolhe **esta Palavra** como rocha segura, sobre a qual se pode construir com alicerces firmes. (n° 10)

Notamos, nesse exemplo, a presença da expressão “**esta palavra**”, a qual retoma e resume o enunciado anterior no que se refere à palavra “quando é pronunciada pelo Deus fiel, torna-se no que de mais seguro e inabalável possa haver, possibilitando a continuidade do nosso caminho no tempo”, ou melhor, se trata de uma palavra que compreende a fidelidade de um Deus que fornece segurança para continuar a caminhada que, segundo o próprio Papa, não diz respeito à ideia do conceito de palavra quanto à efemeridade e ao passageiro, mas sim, como uma promessa que permanece inabalável.

Nesse sentido, podemos considerar essa expressão referencial como um rótulo, na medida em que o encapsulamento anafórico pode também ser denominado rotulação, na perspectiva de Francis (2003), pois diz respeito ao processo que, por meio de uma expressão nominal, permite organizar e estruturar um texto, a partir da rotulação de um conteúdo precedente, por conseguinte, assume a característica de um nome núcleo metalinguístico, o qual Francis nos aponta como nome de texto: “palavra”. Entretanto, a expressão referencial “**esta palavra**” não se encontra no sentido literal que lhe é próprio, lexical, mas sim, no sentido metafórico de ser como uma rocha segura, pois, quando é pronunciada por Deus, torna-se firme e estável, como uma promessa que jamais será quebrada.

Logo após a discussão do capítulo I, daremos ênfase à análise do capítulo II “Se não acreditardes, não compreendereis”, que discorre sobre a relação entre a fé e a verdade, o amor, o diálogo e a razão, quando o Papa argumenta que não há oposição entre fé e razão. Sendo assim, analisemos o exemplo a seguir, que se trata de outra ocorrência com a presença de um modificador, como forma de especificar, qualificar e determinar o seu núcleo lexical. Observemos o exemplo:

EXEMPLO (04)

Esta síntese entre o « compreender » e o « subsistir » é expressa por Santo Agostinho, nas suas Confissões, quando fala da verdade em que se pode confiar para conseguirmos ficar de pé: « Estarei firme e consolidar-me-ei em Ti, (...) na tua verdade ». [17] Vendo o contexto, sabemos que este Padre da Igreja quer mostrar que **esta verdade fidedigna de Deus** é, como resulta da Bíblia, a sua presença fiel ao longo da história, a sua capacidade de manter unidos os tempos, recolhendo a dispersão dos dias do homem. [18] (n° 23)

A expressão em destaque “**esta verdade fidedigna de Deus**” tem por finalidade retomar e resumir o enunciado anterior que remete à verdade proferida nas confissões de Santo Agostinho que se pode confiar “Estarei firme e consolidar-me-ei em Ti, (...) na tua verdade”, ou seja, confirma a presença de Deus pela sua fidelidade e firmeza em cumprir com sua promessa em todos os momentos da história de união com o homem. Notamos que essa expressão é empregada para convencer o leitor da veracidade da sentença proferida anteriormente, pois,

conforme afirma Conte (2003), o encapsulamento anafórico pode ser um efetivo meio de manipular o leitor. Nessa perspectiva, compreendemos o propósito principal de um texto argumentativo como a carta encíclica, de fazer o fiel acreditar e confiar na verdade proferida nesse texto, tomando como base os ensinamentos da Bíblia.

Quanto à sua estruturação, a expressão destacada consiste em um sintagma nominal, constituído por um determinante demonstrativo “**esta**” tendo em vista o seu poder dêitico que evidencia a porção precedente; pelo núcleo nominal “**verdade**”, que centra a retomada do encapsulamento, e acrescenta-se, ainda, a esse nome, o modificador “**fidedigna de Deus**”, que qualifica, especifica e classifica essa verdade manifestada por um Deus fiel. Contudo, verificamos que somente a expressão “**essa verdade de Deus**” seria suficiente para a compreensão da veracidade da presença de Deus na vida do homem, e estabelecer a coesão entre os enunciados. Apesar disso, o Papa acrescenta o adjetivo “**fidedigna**” com o intuito de reforçar o seu argumento, para persuadir o leitor.

Dando continuidade à análise, destacamos um exemplo que tem como função encapsular a informação apresentada no parágrafo antecedente e se encontra como ponto de início de outro. Como podemos observar a seguir:

EXEMPLO (05)

Mas, por outro lado, na experiência concreta de Agostinho, que ele próprio narra nas suas Confissões, o momento decisivo no seu caminho de fé não foi uma visão de Deus para além deste mundo, mas a escuta, quando no jardim ouviu uma voz que lhe dizia: « Toma e lê »; ele pegou no tomo com as Cartas de São Paulo, detendo-se no capítulo décimo terceiro da Carta aos Romanos.[28] Temos aqui o Deus pessoal da Bíblia, capaz de falar ao homem, descer para viver com ele e acompanhar o seu caminho na história, manifestando-se no tempo da escuta e da resposta.

Mas, **este encontro** com o Deus da Palavra não levou Santo Agostinho a rejeitar a luz e a visão, mas integrou ambas as perspectivas, guiado sempre pela revelação do amor de Deus em Jesus. [...] (n° 33)

Nesse exemplo, como podemos observar, a expressão destacada “**este encontro**” retoma e encapsula todo o conteúdo do parágrafo precedente, no que diz respeito a uma experiência vivenciada por Santo Agostinho, no momento decisivo para a sua conversão, quando Deus se manifesta por meio da palavra. Acontece de Santo Agostinho se encontrar com Deus não pela visão, para além deste mundo, mas sim por meio da escuta, quando está no jardim e ouve uma voz que lhe manda ler o trecho que está escrito na Bíblia, em específico, na carta de São Paulo aos romanos. É nessa ocasião que se depara com o Deus pessoal, capaz de falar ao homem e viver com ele, acompanhando-o no seu caminho na história, já que é nessa passagem bíblica que Agostinho percebe toda a vida desregrada que levava até aquele instante e passa a reconhecer seus erros.

Nessa perspectiva, no que diz respeito à estruturação da expressão referencial “**este encontro**”, o determinante demonstrativo “**este**” assume a função de instruir o leitor para que descubra o antecedente anafórico, que

acompanha o núcleo nominal “**encontro**”, pelo qual se efetiva a retomada. Como sabemos, “encontro” diz respeito à união entre duas pessoas, pelo ato de chegar até o outro. Nesse caso, notamos que se refere a uma forma de encontro diferente entre Santo Agostinho e um Deus pessoal que se manifesta na Bíblia e, ao tomar posse dessa palavra, passa a ser “guiado sempre pela revelação do amor de Deus em Jesus”.

Desse modo, entendemos que o encapsulamento anafórico é um recurso fundamental para a progressão textual, uma vez que, por meio de uma expressão referencial, realiza-se a interpretação de um conteúdo precedente e assume um ponto de início para outro parágrafo (CONTE, 2003). No exemplo, observamos que o autor interpreta toda a discussão postulada no parágrafo antecedente e categoriza com um novo objeto discursivo ou referente, o qual se torna um pretexto e uma explicação para as informações do parágrafo seguinte.

Verificamos que o Papa se utiliza dessa experiência vivenciada por Santo Agostinho, mediante esse encontro pessoal com Deus, como argumento para relação entre a fé e a verdade, isso porque, embora Agostinho tenha passado pela experiência desse acontecimento, não o impediu de compreender a luz e a visão. Por esse motivo, percebemos que esse recurso fora utilizado como forma de construir a argumentação e persuadir o leitor.

Para finalizarmos a análise, nos deteremos à discussão das ocorrências identificadas no capítulo III “Transmito-vos aquilo que recebi”, que se detém à apresentação dos meios para elevar e crescer a fé dos fieis por meio da igreja, propagadora desse dom de Deus, também pelo batismo, o sacramento da eucaristia e profissão de fé, o credo. Por fim, a oração do pai-nosso e o decálogo. Isto posto, partimos agora para a análise do exemplo (07), em que o encapsulamento anafórico ocorre pela sumarização de um enunciado antecedente mediante um sintagma nominal, formado por nome geral e acompanhado por um determinante demonstrativo e um complemento nominal. Observemos a seguir:

EXEMPLO (06)

Deste modo, através da imersão na água, o Batismo fala-nos da estrutura encarnada da fé. A acção de Cristo toca-nos na nossa realidade pessoal, transformando-nos radicalmente, tornando-nos filhos adoptivos de Deus, participantes da natureza divina; e assim modifica todas as nossas relações, a nossa situação concreta na terra e no universo, abrindo-as à própria vida de comunhão d’Ele. **Este dinamismo de transformação** próprio do Batismo ajuda-nos a perceber a importância do catecumenato, que hoje [...] se reveste de singular relevância para a nova evangelização. É o itinerário de preparação para o Batismo, para a transformação da vida inteira em Cristo. (nº42)

Durante a discussão do capítulo III, o Papa aponta os meios para aumentar a fé, dentre eles, o sacramento do batismo. No excerto acima analisado, podemos perceber a presença do encapsulamento anafórico pela expressão “**este dinamismo de transformação**”, que encapsula a porção textual precedente no que diz respeito à manifestação da fé pelo batismo, já que pela realização batismal, a ação de Cristo toca na realidade da pessoa, transformando-o, a partir do momento que se torna filho adotivo de Deus, modificando todas as formas de

relações entre Deus e a pessoa batizada. Na base dessas informações, um novo referente é inserido no texto, contribuindo para a progressão textual e inserção das informações que surgirão posteriormente.

Em relação à composição da expressão anafórica, verificamos que o núcleo nominal “**dinamismo**”, que carrega o encapsulamento, é acompanhado pelo determinante demonstrativo “**este**”, que indica ao leitor a retomada do referente, e pelo complemento nominal “**de transformação**”, que completa o sentido do nome. Desse modo, demonstra a condição de movimento e vitalidade pela realização do batismo que, por sua vez, acarreta um processo de transformação à pessoa depois que é batizada.

Para completar a discussão, selecionamos um exemplo de encapsulamento anafórico que recupera todo o conteúdo precedente e encapsula em um novo objeto de discurso que funciona como ponto de início para novas informações, embora numa concepção oposta às informações postuladas anteriormente. Analisemos o exemplo a seguir:

EXEMPLO (07)

Depois, a fé é una, porque se dirige ao único Senhor, à vida de Jesus, à história concreta que Ele partilha conosco. Santo Ireneu de Lião deixou isto claro, contrapondo-o aos hereges gnósticos. Estes sustentavam a existência de dois tipos de fé: uma fé rude, a fé dos simples, imperfeita, que se mantinha ao nível da carne de Cristo e da contemplação dos seus mistérios; e outro tipo de fé mais profunda e perfeita, a fé verdadeira reservada para um círculo restrito de iniciados, que se elevava com o intelecto para além da carne de Jesus rumo aos mistérios da divindade desconhecida. Contra **esta pretensão**, que ainda em nossos dias continua a ter o seu encanto e os seus seguidores, Santo Ireneu reafirma que a fé é uma só, porque passa sempre pelo ponto concreto da encarnação, sem nunca superar a carne e a história de Cristo, dado que Deus Se quis revelar plenamente nela. (nº 47)

Podemos perceber, ao analisar esse exemplo, que a expressão “**esta pretensão**” tem como função encapsular as informações antecedentes no que diz respeito à ideia defendida pelos hereges gnósticos sobre a existência da fé, compreendida, por um lado, como uma fé rude, simples e imperfeita, mantida no nível da carne de Cristo e contemplação de seus mistérios. Por outro lado, seria uma fé profunda e perfeita, reservada para um círculo restrito de iniciados, elevada para além da carne de Jesus rumo aos mistérios da divindade desconhecida. A partir disso, notamos que todo esse conteúdo passa a ser categorizado em um novo referente que não fora citado nenhum momento antes, assumindo o pressuposto para uma informação nova, embora esta se apresente numa perspectiva contraditória ao que fora dito anteriormente.

Verificamos que, mais uma vez, a expressão é constituída por um sintagma nominal, o qual tem como núcleo nominal “**pretensão**”, que se encarrega de exercer o encapsulamento, acompanhado pelo determinante demonstrativo “**esta**”, que indica a retomada. Como sabemos, quando se utiliza o nome pretensão, a depender do contexto, pode revelar uma conduta positiva no sentido de realizar algum desejo, como uma vontade de alcançar aquilo que se anseia. Contudo, nesse

exemplo, assume um sentido pejorativo, quanto ao que se deseja defender, levando em consideração uma concepção dupla da fé. Todavia, se contradiz à proposta de fé postulada pelo Santo Ireneu de Lião e pelo próprio Papa, ao produzir o texto a respeito de uma fé una, a qual se concretiza pela revelação de Deus.

A partir da análise das ocorrências, pudemos constatar a relevância do encapsulamento anafórico para a compreensão e interpretação de textos, pois se manifesta como um recurso coesivo, que permite a coerência entre as informações do contexto discursivo, auxiliando na progressão e continuidade textual. Visto que, por meio desse processo, é possível retomar um antecedente em uma única expressão referencial, pela sua capacidade de resumir uma sentença ou até parágrafos inteiros em uma expressão referencial que, por sua vez, se torna uma pressuposição para informações que serão apresentadas posteriormente, sem que haja necessidade de repetições desnecessárias. Por esse motivo, possibilita um desenvolvimento textual bem mais compreensível ao leitor.

Assim, finalizamos a análise dos dados e, a seguir, apresentamos as considerações finais, em que retomamos os objetivos, estabelecendo uma relação com os resultados alcançados.

Conclusão

Para esta pesquisa, tivemos como objetivo investigar o emprego de processos referenciais anafóricos em uma carta encíclica do Papa Francisco, observando a forma de manifestação desses processos. A partir da análise dos dados, dentre os tipos de processos referenciais identificados, destacamos: anáfora direta, anáfora indireta, catáfora e encapsulamento anafórico. No entanto, verificamos que o processo mais recorrente nos textos foi o encapsulamento anafórico, empregado um maior número de vezes, em comparação com os demais processos.

Em vista disso, pudemos constatar que se trata de um processo que auxilia na construção do texto, ao fazer retomada do que fora mencionado anteriormente, sem haver a necessidade de repetições. Diante disso, possibilita a progressão e continuidade textual, assumindo a função de um mecanismo coesivo, no qual um novo referente é inserido no texto, estabelecendo uma relação entre o conteúdo antecedente e as informações seguintes.

No que se refere à forma de manifestação, observamos uma predominância dos pronomes demonstrativos, exercendo a posição de determinantes do núcleo lexical. Nesse caso, podemos concluir que, tendo vista o encapsulamento anafórico se tratar de um processo de retomada de uma porção textual anterior ao referente anafórico, a preferência pelo demonstrativo se justifica pela sua capacidade dêitica de situar as informações no contexto em que se realiza, indicando ao leitor a porção precedente do texto. Já o núcleo nominal seria responsável pela carga encapsuladora, por sua força de resumir o conteúdo que fora postulado anteriormente.

Verificamos também que, em alguns exemplos analisados, quando uma expressão anafórica retomava e encapsulava uma informação antecedente, manifestava uma força argumentativa, pela qual o autor expressava sua opinião

sobre determinado assunto, a partir da formação de um núcleo nominal, acompanhado de seu modificador que detinha certo juízo de valor, isto é, uma carga avaliativa. Dessa forma, o encapsulamento anafórico pode assumir uma recategorização argumentativa, que é manifestada para defender um ponto de vista e reforçar a argumentação sobre uma determinada temática, com o intuito de persuadir o leitor.

Nesse sentido, tendo em vista que a carta encíclica se caracteriza por apresentar tanto elementos linguísticos, como também elementos de caráter persuasivo, sendo escrita à luz dos textos bíblicos como pretexto para a argumentação, confere certa autoridade a quem a pronuncia. Comprovamos, assim, que o uso de encapsuladores, os quais detêm certo caráter persuasivo, demonstram ser um poderoso meio de manipular o leitor, visto que, quando certas expressões são empregadas no universo discursivo, o autor pode convencer o leitor a aceitar o posicionamento exposto como uma possibilidade de verdade.

Referências

- CAVALCANTE, M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190. (Coleção clássicos da linguística).
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo: Cortez, 2008.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228. (Coleção clássicos da linguística).
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/encyclicals/documents/papafrancesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html> Acesso em: 24 de jul. 2017.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, I. G. V. ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARCUSCHI. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

Para citar este artigo

PINTOS, Larissa Yohara Gomes; BEZERRA, Lidiane de Moraes Dógenes. Análise sobre o encapsulamento anafórico na carta encíclica Lumen Fidei do Papa Francisco. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 552-567, maio-ago. 2019.

567

Os autores

Larissa Yohara Gomes Pinto é mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra é doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Pau dos Ferros. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mestrado Acadêmico e Doutorado.